

Cadeia produtiva da



# CASTANHA-DO-BRASIL

do Estado do Amazonas



Série Técnica Meio Ambiente e  
Desenvolvimento Sustentável

3

**CADEIA PRODUTIVA DA  
CASTANHA-DO-BRASIL  
NO ESTADO DO AMAZONAS**

Carlos Eduardo de Souza Braga  
**Governador do Estado Amazonas**

Virgílio Maurício Viana  
**Secretário de Estado do  
Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável**

**Comissão organizadora da  
I Conferência Estadual das Populações Tradicionais  
do Amazonas**

**Coordenador**

Francisco Ademar da Silva Cruz  
Secretário Executivo Adjunto de Extrativismo

**Secretário Executivo**

Marcelo Marquesini

**Colaboradores**

Adevaldo Dias da Costa  
SEAE/SDS

Aguimar Simões Vasconcelos  
Ag.de Florestas/SDS

Ana Paula Cardoso  
Ag. de Florestas/SDS

José Max Dias  
Ag. de Florestas/SDS

Karina Ladeira Vilar  
Ag. de Florestas/SDS

Marcelo Cortez  
SEAE/SDS

**Governo do Estado do Amazonas**

# **CADEIA PRODUTIVA DA CASTANHA-DO-BRASIL NO ESTADO DO AMAZONAS**

Manaus • 2005

*Texto*

Mário Menezes  
Marcos Roberto Pinheiro  
Ana Cíntia Guazzelli  
Fábio Martins

*Revisão*

Ademar Cruz (SDS)  
Rita Menquita (SDS)

*Projeto Gráfico e Editoração*

Áttema Design Editorial  
Marcos Roberto Pinheiro

*Mapas*

IPAAM/SDS  
Laboratório de Geoprocessamento

Ficha Catalográfica elaborada por Maria Edna Freitas da Costa CRB/11-104

A479 AMAZONAS, Governo do Estado.

Cadeia produtiva da castanha-do-Brasil no estado do Amazonas /  
Mário Menezes, Marcos Roberto Pinheiro, Ana Cíntia Guazzelli e  
Fábio Martins. - Manaus: SDS, 2005. Série Técnica Meio Ambiente  
e Desenvolvimento Sustentável, 3.

28p.; il.

1. Produtos Florestais - Castanha - Amazonas. I. Título. II. Série.

CDU: 630.8 (811.3)

Este conteúdo foi organizado a partir dos resultados da  
I Conferência Estadual das Populações Tradicionais do Amazonas,  
realizada de 08 a 11 de novembro de 2004,  
na cidade de Manaus, Amazonas

Secretaria Executiva Adjunta de Extrativismo da  
Secretaria de Estado do Meio Ambiente de Desenvolvimento Sustentável (SDS)  
Rua Recife, 3280 - Parque Dez - Manaus - AM - CEP 69.050-030  
(92) 3643.2316 - [ademar.cruz@sds.gov.am.br](mailto:ademar.cruz@sds.gov.am.br)

## Sumário

Apresentação .....	7
1. Introdução .....	9
2. Áreas de produção de castanha no estado .....	10
3. Número de famílias envolvidas na produção .....	16
4. Produção atual e potencial (por ano) .....	16
5. Renda média das famílias/participação do produto na renda familiar .....	17
6. Processamento do produto .....	17
7. Possibilidades de maior verticalização da produção nas comunidades/município .....	18
8. Organização da produção .....	18
9. Principais mercados alcançados .....	18
10. Formas de comercialização .....	18
11. Instituições/projetos que atuam nos principais municípios produtores .....	18
12. Principais gargalos da cadeia produtiva e alternativas para sua superação, segundo a bibliografia .....	19
13. Principais problemas da cadeia produtiva e alternativa para sua superação, segundo a I Conferência das Populações Tradicionais. ....	20
14. Apresentação do grupo de castanha. (Aguimar Simões Vasconcelos – Ag. de Floresta) ..	21
15. Debate .....	24
16. Documentos e instâncias consultados .....	28

## **Apresentação**

A I Conferência Estadual das Populações Tradicionais do Amazonas foi realizada no período de 8 a 11 de novembro de 2004, com o objetivo de viabilizar a participação dos trabalhadores extrativistas na construção de um programa estratégico de desenvolvimento para o setor extrativista do estado, no âmbito do Programa Zona Franca Verde.

Do evento participaram em torno de 250 pessoas, entre trabalhadores, comerciantes, funcionários públicos (estaduais e municipais), técnicos e pesquisadores, representando 38 dos 62 municípios amazonenses.

Dois temas centrais dominaram a Conferência: a cadeia produtiva de produtos extrativos e a proposta formulada pela SDS para conservação da biodiversidade no estado. Subsídios sobre esses temas foram apresentados aos participantes, através de documentos básicos elaborados pela Secretaria Executiva Adjunta de Extrativismo e pelo Departamento de Projetos Especiais da SDS.

A metodologia das atividades desenvolvidas durante o encontro se constituiu de palestras de representantes das comunidades extrativistas, órgãos públicos e ONGs ambientalistas e de assessoria técnica, e de grupos de trabalho reunidos em dois momentos. Um primeiro conjunto de grupos, divididos por produto extrativo, discutiu e propôs sobre a cadeia produtiva do açaí, borracha, castanha, fibras vegetais extrativas, madeira, óleos extrativos vegetais e pesca; o segundo, organizado por sub-região, analisou as áreas propostas para conservação da biodiversidade nas sub-regiões de alto Solimões-Japurá, Juruá, médio Solimões, Purus, Madeira, baixo Amazonas e rio Negro.

A I Conferência Estadual das Populações Tradicionais do Amazonas é mais um resultado da parceria da SDS com o Ministério do Meio Ambiente e o WWF-Brasil, que muito contribuíram para a realização e êxito do evento. Os Cadernos do Extrativismo têm o objetivo de apresentar os resultados desta primeira conferência e, principalmente, o conteúdo discutido nos grupos de trabalho sobre as cadeias produtivas extrativistas.

*Virgílio Maurício Viana*

Secretário de Estado do  
Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

## 1. Introdução

A castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa* H.&B. *Lecythidaceae*) é também conhecida como castanha-do-pará e castanha-da-amazônia. Trata-se de uma árvore intimamente ligada à cultura das populações tradicionais da Amazônia e do estado do Amazonas. Seus produtos e subprodutos são utilizados há várias gerações, como fonte de alimentação e renda. A castanha é encontrada nas matas de terra firme em vários países da região amazônica continental, com destaque para o Brasil, Bolívia e Peru.

No Amazonas, a espécie ocupa principalmente as regiões de Maués e dos rios Purus, Negro, Solimões e Madeira – onde sua exploração constitui atividade econômica realizada por quase a totalidade das comunidades rurais (1). Também é um dos mais importantes produtos exportados pelo estado, e sua demanda no mercado internacional é muito elástica, em função de ser facilmente substituída por outras amêndoas sujeitas à variação de preços e pela forte competição exercida por outros países produtores - Bolívia e Peru, principalmente. A destruição de castanhais nativos pelos desmatamentos e o surgimento de barreiras não-tarifárias pela imposição de padrões fitossanitários mais rígidos (aflatoxina) também têm influído negativamente na produção e exportação brasileiras de castanha (1).

Em função desses fatores, as exportações do produto vêm despencando nos últimos anos, passando de 51.195 t em 1990, para 26.505 t em 1993, 19.301 t em 1995/96, 17.230 t em 2000 e 6.300 t em 2003 (1) (2).

Aproveitando-se da crise por que passa a produção de castanha no Brasil, a Bolívia se organizou e tomou do lugar brasileiro no mercado internacional, de forma tão competente, que os produtores do Acre estão fazendo parcerias com os bolivianos para voltar a exportar. Internamente, também há experiências importantes que o Amazonas pode absorver. No Amapá, um projeto em castanhais do sul do estado, iniciado em 1995, com o objetivo de combater a pobreza, produz e beneficia castanha para a merenda escolar. Recentemente, pesquisadores da UNICAMP criaram uma mistura de castanha-do-brasil com farinha de mandioca, que pode entrar para o cardápio matinal da família brasileira.

## 2. Áreas de produção de castanha no estado

Para o IBGE, 40 municípios do Amazonas produzem castanhas (Mapa 1) (3). Dentre eles, os maiores produtores em 2002 foram: Novo Aripuanã (1.326 t), Alvarães (1203 t), Lábrea, (1.135 t), Boca do Acre (794 t), Humaitá (761 t), Tefé (611 t), Tapauá (609 t), Manicoré (599 t) e Tabatinga (514 t) (Tabela 1). Juntos, esses nove municípios responderam por 84% da produção estadual naquele ano.

Para pesquisadores e técnicos que trabalham com a castanha, os principais pólos de produção no estado são ( Mapa 2) (4):

No Purus:

- Boca do Acre e Lábrea: municípios com áreas de ocorrência com ações de governo (em vermelho, no mapa)
- Pauini, Canutama, Tapauá, Beruri e Anori: municípios com áreas difusas de produção e coleta (em verde, no mapa).

No Solimões:

- Anamã (Lago do Anamã-Gasoduto), Fonte Boa (Paraná do Maiana e Rio Uatiparaná – Resex Uatiparaná), Maraã, Tefé (Resex Catuá/Ipixuna), Coari (Projeto Gasoduto): municípios com áreas de ocorrência com ações de governo (em vermelho, no mapa).
- Coari: município com áreas produtivas de baixa coleta (em azul, no mapa).
- Codajás, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutai, Uarini, Alvarães: municípios com áreas difusas de produção e coleta (em verde, no mapa).

No Madeira:

- Manicoré (Resex Capanã Grande, Igarapé do Jenipapo, Rio Atininga, Rio Arauá e Rio Maturá): município com áreas de ocorrência com ações de governo (em vermelho, no mapa).
- Itapiranga, Novo Aripuanã, Borba, Humaitá e Nova Olinda do Norte: municípios com áreas difusas de produção e coleta (em verde, no mapa).

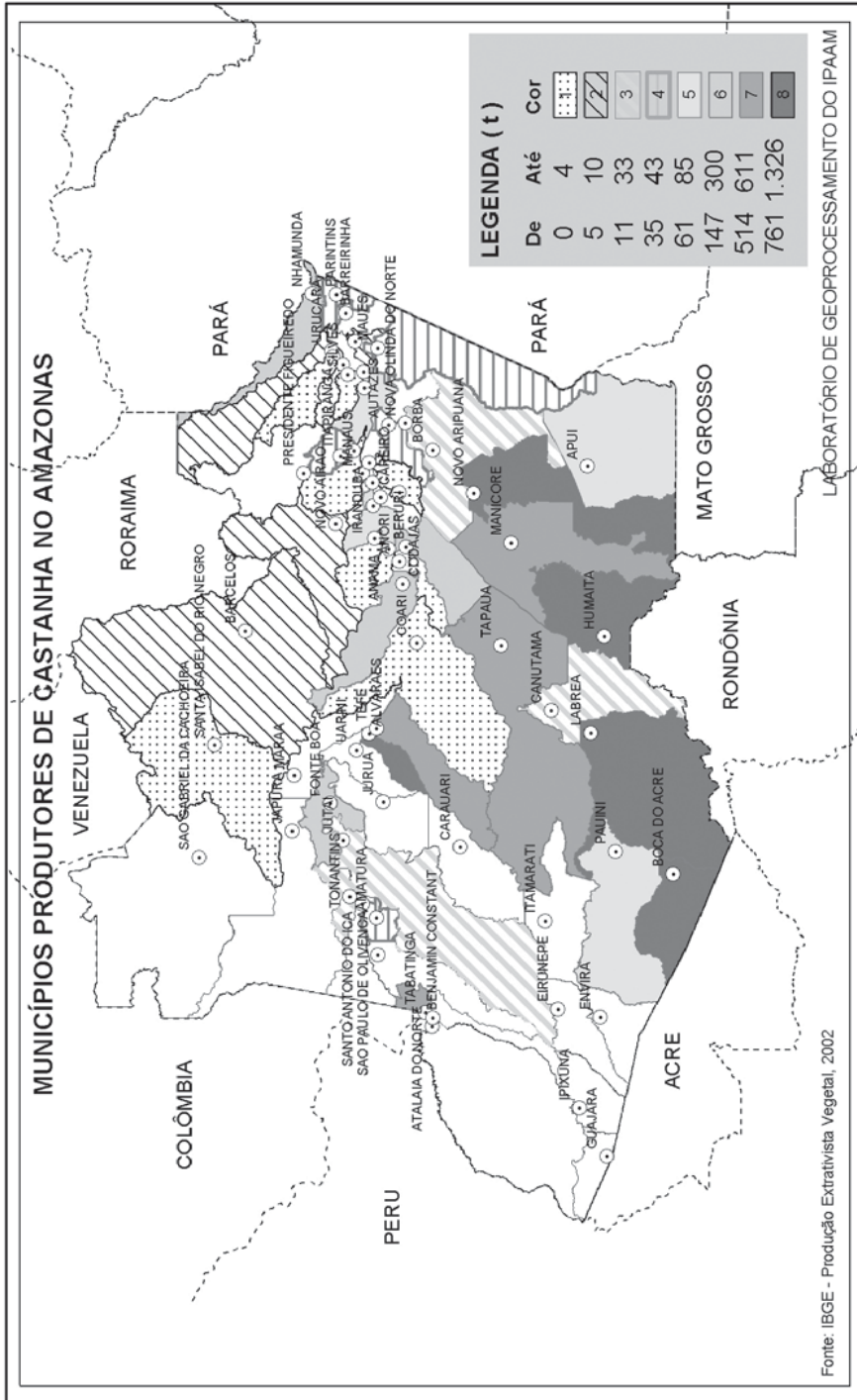
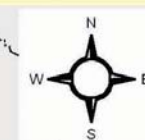


Tabela 1 – Produção de Castanha no Brasil e dos Municípios do Estado do Amazonas (em toneladas de frutos)

Ano	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
<b>Brasil</b>	51.195	35.838	25.303	26.505	38.882	40.216	21.469	22.786	23.111	26.856	33.431	28.467	27.389
<b>Norte</b>	50.521	35.025	24.911	26.116	38.632	39.958	21.224	22.551	22.870	26.589	33.186	28.191	27.038
<b>Amazonas</b>	13.059	7.957	193	4.267	15.465	15.727	6.670	7.357	7.368	7.467	7.823	8.352	8.985
<b>Alvarães</b>	220	2	5	-	-	-	903	957	995	1.005	1.066	1.124	1.203
<b>Amaturá</b>	54	-	-	-	-	-	27	29	30	30	33	34	36
<b>Anamã</b>	129	0	0	1	347	375	2	3	3	3	3	4	4
<b>Anori</b>	51	105	1	1	2	1	0	0	0	0	0	0	0
<b>Apuí</b>	-	-	-	-	-	-	90	11	12	12	12	55	61
<b>Autazes</b>	153	2	3	1	110	120	20	29	31	31	33	34	37
<b>Barcelos</b>	61	-	1	-	58	52	4	6	6	6	7	7	8
<b>Barreirinha</b>	170	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Beruri</b>	334	3	0	2	-	-	96	103	107	108	134	142	153
<b>B. V. Ramos</b>	10	3	1	-	-	-	7	7	8	8	8	9	9
<b>Boca do Acre</b>	1.589	1.299	22	3.999	2.998	2.600	522	630	662	671	704	740	794
<b>Borba</b>	177	287	1	1	202	222	11	12	13	13	14	14	15
<b>Caapiranga</b>	-	18	-	-	-	-	7	8	8	9	9	9	1
<b>Canutama</b>	526	169	4	0	534	587	303	372	39	39	29	31	33
<b>Careiro</b>	30	12	0	-	-	-	1	2	2	2	2	2	2
<b>Careiro Várzea</b>	18	8	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Coari</b>	3.927	1.753	25	92	2.644	2.908	2	2	2	2	2	2	2
<b>Codajás</b>	125	221	0	3	163	179	120	185	209	212	220	230	248
<b>Fonte Boa</b>	99	302	3	2	-	-	230	242	251	254	264	278	300
<b>Guajará</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Humaitá</b>	917	-	23	12	2.149	1.934	583	624	655	664	690	718	761
<b>Itacoatiara</b>	1.153	23	1	2	345	379	63	67	71	72	75	78	85
<b>Itapiranga</b>	25	-	-	-	28	30	1	1	1	1	1	1	1
<b>Japurá</b>	25	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Juruá</b>	105	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Jutai</b>	-	-	0	-	28	30	10	11	12	12	12	13	14
<b>Lábrea</b>	369	360	7	9	452	497	878	912	958	971	1.010	1.050	1.135
<b>Manacapuru</b>	406	255	2	20	131	145	50	58	60	61	64	67	72
<b>Manaquiri</b>	603	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Manaus</b>	-	-	47	45	50	55	1	1	1	2	2	2	2
<b>Manicoré</b>	196	383	19	20	2.455	2.701	329	468	492	498	518	555	599
<b>Maraã</b>	20	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Maués</b>	0	82	0	3	373	410	26	28	30	30	31	32	35
<b>Nhamundá</b>	0	302	3	26	201	221	106	117	123	124	128	133	147
<b>N. O. Norte</b>	228	127	2	0	118	130	-	-	-	-	-	-	-
<b>Novo Airão</b>	5	-	-	-	-	-	7	8	8	8	9	9	10
<b>Novo Aripuanã</b>	52	163	5	4	520	572	995	1.074	1.116	1.133	1.179	1.228	1.326
<b>Parintins</b>	289	197	0	0	71	78	8	8	9	9	9	10	11
<b>Pauini</b>	13	-	-	14	385	424	62	68	71	72	74	78	84
<b>R. Preto da Eva</b>	9	-	-	-	-	-	32	34	36	36	38	39	43
<b>S.I. Rio Negro</b>	10	-	-	0	-	-	1	1	1	1	1	1	1
<b>S. A. do Içá</b>	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>S.Seb. Uatumã</b>	-	19	0	-	-	-	1	1	1	1	1	1	1
<b>Silves</b>	-	-	-	-	-	-	1	1	1	1	1	1	1
<b>Tabatinga</b>	-	-	-	-	-	-	355	387	406	411	453	476	514
<b>Tapauá</b>	350	683	6	4	683	615	355	387	406	412	427	564	609
<b>Tefé</b>	422	1.148	10	5	286	315	449	489	519	527	545	566	611
<b>Tonantins</b>	-	-	-	-	-	-	8	9	9	9	10	10	11
<b>Uarini</b>	135	0	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Urucará</b>	-	21	0	0	56	62	4	4	5	5	5	5	5
<b>Urucurituba</b>	58	11	0	-	77	85	-	-	-	-	-	-	-

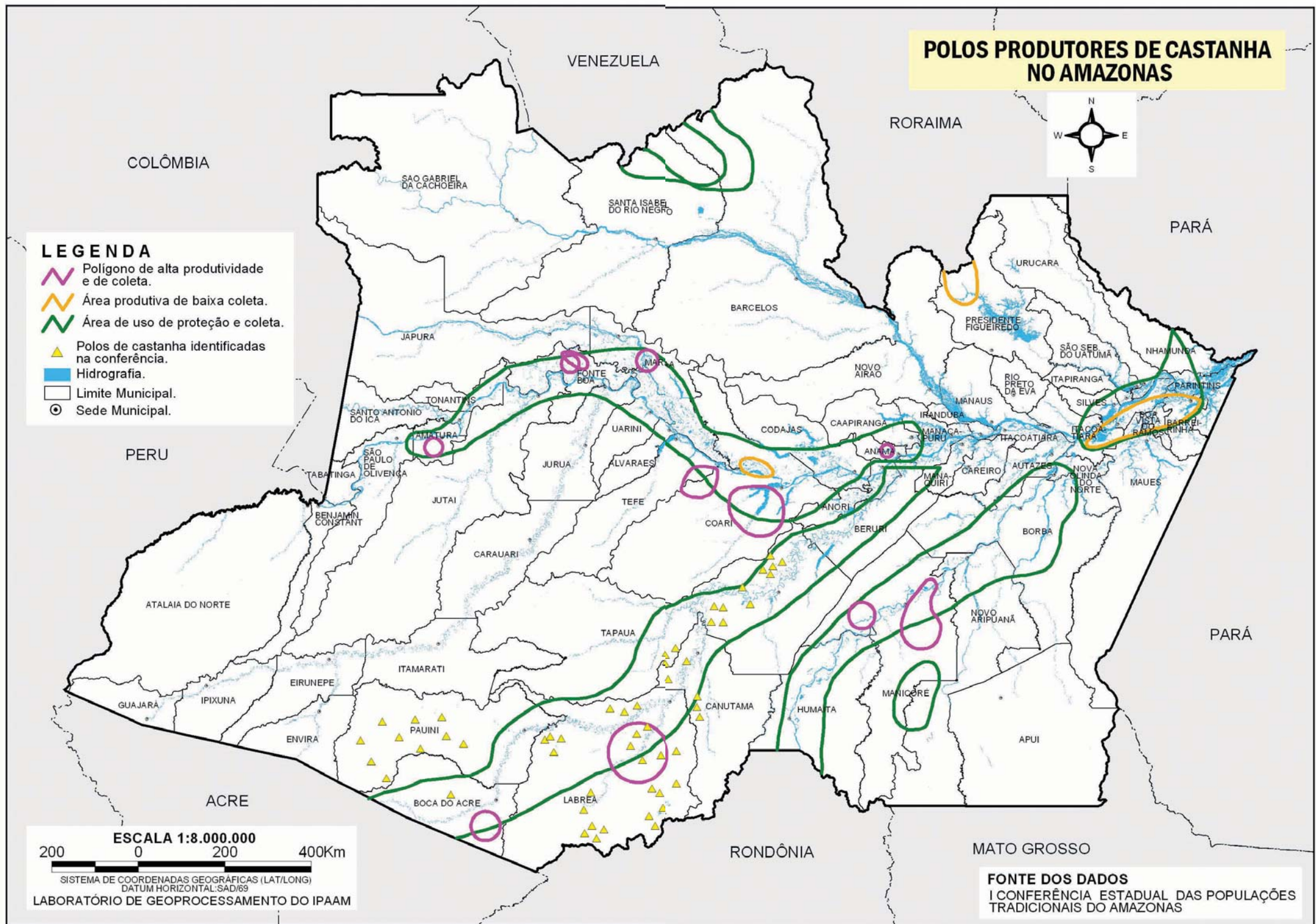
Fonte: IBGE - Produção Extrativa Vegetal, 2002.

# POLOS PRODUTORES DE CASTANHA NO AMAZONAS



## LEGENDA

- Polígono de alta produtividade e de coleta.
- Área produtiva de baixa coleta.
- Área de uso de proteção e coleta.
- Polos de castanha identificados na conferência.
- Hidrografia.
- Limite Municipal.
- Sede Municipal.



ESCALA 1:8.000.000

200 0 200 400Km

SISTEMA DE COORDENADAS GEOGRÁFICAS (LAT/LONG)  
DATUM HORIZONTAL: SAD/69

LABORATÓRIO DE GEOPROCESSAMENTO DO IPAAM

## FONTE DOS DADOS

I CONFERÊNCIA ESTADUAL DAS POPULAÇÕES TRADICIONAIS DO AMAZONAS

No médio Amazonas:

- Autazes Silves, Nhamundá, Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Itacoatiara e Parintins: municípios com áreas difusas de produção e coleta (em verde, no mapa).
- Urucurituba, Boa Vista do Ramos e Barreirinha: municípios com áreas produtivas de baixa coleta (em azul, no mapa).

No rio Negro

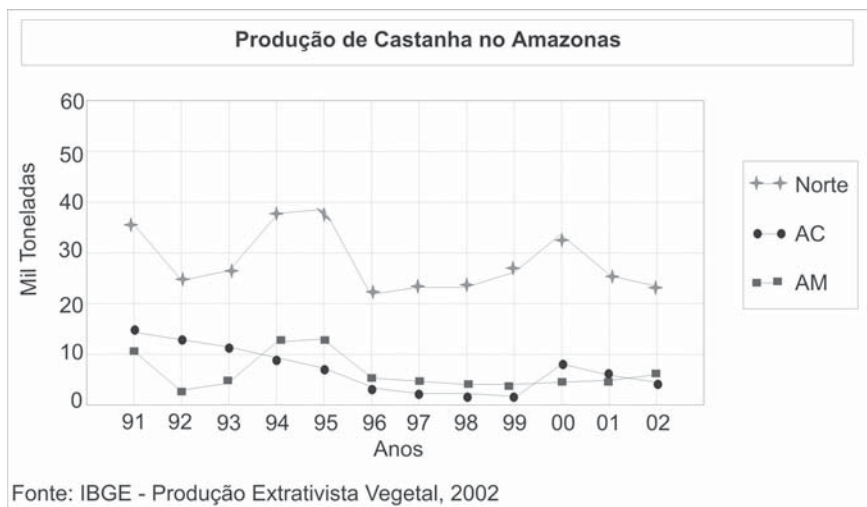
- Santa Izabel do rio Negro e Barcelos (região do alto curso do rio Paduari, que corta os dois municípios): municípios com áreas difusas de produção e coleta (em verde, no mapa).
- Terra Indígena Waimiri-Atroari: áreas produtivas de baixa coleta (em azul, no mapa).

### **3. Número de famílias envolvidas na produção**

Há informações disponíveis apenas para seis municípios: Boca do Acre, 200; Lábrea, 300; Manicoré, 215; Coari, 50; Fonte Boa, 35 (Resex); Maraã, 50 (RDS) (2), num total de 850 famílias.

### **4. Produção atual e potencial (por ano)**

Segundo o IBGE, a produção de castanha no Amazonas, em 2002, foi de 8.985 toneladas de castanha, e o estado é hoje o maior produtor da região produzindo 27.038 toneladas. Em 1990, o Amazonas era o 3º produtor regional, atrás do Acre e Pará, respectivamente. Como acontece com outros produtos extrativos, a exemplo da borracha e mesmo do açaí, o estado viu sua produção de castanha cair na última década numa proporção menor do que em estados antes produtores líderes no período. Sua produção baixou pouco menos de 1/3, passando de 13.059 toneladas, em 1990, para 8.985 toneladas, em 2002, enquanto na região a queda foi de mais de 45% e no Acre e Pará ultrapassou 60%. Aqui, como no caso da borracha, também vale o registro de que o Amazonas saiu de terceiro estado produtor de castanha, em 1990, para primeiro, em 2002, não pelo aumento de produção, mas por ter sofrido menor redução no volume produzido na última década (Gráfico 1).



## 5. Renda média das famílias/participação do produto na renda familiar

Tabela 1. Indicadores de Renda nos Principais Municípios Produtores de Castanha.

Município	Renda per capita/mês (R\$)		Variação (%)	Proporção de pobres (%)		Variação (%)
	1991	2000		1991	2000	
Novo Aripuanã	103,67	70,15	-32,33	63,48	81,13	+27,80
Alvarães	104,00	91,95	-11,58	64,12	65,81	+2,63
Lábrea	78,04	66,46	-14,83	80,22	79,48	-0,09
Boca do Acre	80,99	92,58	+14,31	73,70	66,52	-9,74
Humaitá	92,03	134,36	+46,00	68,92	60,72	-11,90
Tefé	105,38	117,55	+11,54	53,13	58,17	+9,48
Tapauá	43,42	47,73	+9,92	87,27	86,06	-1,38
Manicoré	81,90	70,26	-14,21	70,78	74,94	+5,87
Tabatinga	96,08	142,08	+47,87	63,27	55,97	-11,53

Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil.

Obs.: para cálculo da renda média familiar, considera-se que uma família no meio rural do Amazonas é composta por cinco membros.

Não há informações disponíveis sobre a participação da castanhas na renda familiar dos produtores.

## 6. Processamento do produto

O produto sai *in natura* das comunidades, geralmente em regatões de intermediários.

## 7. Possibilidades de maior verticalização da produção nas comunidades/município

Boca do Acre já possui usina, com escoamento da produção via Acre; Lábrea e Amaturá têm em implantação uma usina cada; e Manicoré e Coari têm em andamento propostas de implantação de usinas.

## 8. Organização da produção

Aviamento.

## 9. Principais mercados alcançados

Austrália, Estados Unidos e Itália.

## 10. Formas de comercialização

A intermediação.

## 11. Instituições/projetos que atuam nos principais municípios produtores (5)

- Novo Aripuanã: CNS, CAAM, IBAMA, CNPT, IPAAM, Resex Capanã Grande.
- Alvarães: sem informação.
- Lábrea: sem informação.
- Boca do Acre: Peti, CNO, frigorífico privado, sindicatos, associações e cooperativa, UEA, AGROPAN, CIMI, Cáritas, Fome Zero, FNO, Criação de Unidades de Conservação, Mapiá e Inauini, Projeto da UFAC (5).
- Humaitá: CNS, CAAM, IBAMA, CNPT, IPAAM, Resex Capanã Grande.
- Tefé: sem informação.

- Tapauá: sem informação.
- Manicoré: CNS, CAAM, IBAMA, CNPT, IPAAM, Resex Capanã Grande.
- Tabatinga: Cooperação Italiana, FUNAI, IBAMA., Projeto PETI, Programa Zona Franca Verde, Projeto “Cunhatã e Curumim, Distrito Sanitário Especial Indígena do Alto Solimões (DSEI/AS), PRONAGER.

## **12. Principais gargalos da cadeia produtiva e alternativas para sua superação, segundo a bibliografia (4) (6) (7)**

### **Gargalo**

- Escoamento precário.
- Falta de linhas de crédito.
- Falta de organização social.
- Embargos (econômicos) fitossanitários dos países importadores (Europa).
- Ausência de boas práticas no manejo e produção nos castanhais
- Carência de usinas de beneficiamento nas áreas produtoras.

### **Alternativa**

- Organização do escoamento pelos produtores.
- Criação de linha de crédito específica.
- Fortalecimento das associações locais.
- Posicionamento mais contundente do Ministério da Agricultura perante esses países, quanto aos limites de tolerância aceitáveis de aflatoxina.
- Fomento a boas práticas nas áreas extrativistas.
- Implantação de usinas de beneficiamento nos municípios produtores de castanha.

### **13. Principais problemas da cadeia produtiva e alternativas para sua superação, segundo a I Conferência das Populações Tradicionais.**

#### **Problemas**

- Difícil acesso aos castanhais mais centrais.
- Pouco investimento para infra-estrutura de transporte e armazenamento do produto.
- Muita oscilação no preço da castanha.
- Falta de práticas de manejo adequado na coleta e armazenamento que garanta a qualidade do produto.
- Baixo nível de organização social dos coletores.
- Falta de pesquisa no desenvolvimento de tecnologia para o setor.
- Grilagem de terras em áreas de castanhais na região sul de Lábrea.
- Falta de comunicação entre os extrativistas quanto ao mercado.

#### **Propostas para soluções dos problemas**

- Levantamento do potencial existente nas áreas de produção.
- Criação de linhas de crédito de financiamento ao extrativista para aquisição de animais de carga e meios de transportes adequados (barco, tratores, míni tratores etc.).
- Estabelecer uma política de preço mínimo.
- Aprimoramento das práticas que garantam a qualidade do produto, de forma a diminuir o tempo entre a coleta e processamento.
- Implantação de usinas de processamento nas sedes municipais.
- Capacitação, implantação de infra-estrutura de escoamento.
- Fortalecimento das organizações sociais voltadas à comercialização e processamento de castanha.
- Demanda, através das instituições, de pesquisas voltadas para o setor (Exemplo: máquina para quebra de ouriços).
- Ação mais eficiente do poder público contra grilagem de terras.
- Criação de uma rede de comunicação entre os extrativistas e compradores.
- Estabelecimento do papel de cada ator envolvido no processo produtivo.

## 14. Apresentação do grupo de castanha.

(Aguimar Simões Vasconcelos – Ag. de Floresta)

O grupo começou ouvindo três palestras. Uma proferida por Aguimar, apresentador das propostas do grupo, que tratou das experiências vivenciadas no município de Manicoré.

Em seguida, a de Carlos Molina Mitro, que tratou da experiência na Bolívia e enfatizou a importância do setor privado em ajudar a dinâmica das cadeias produtivas, visto que os exportadores são os maiores interessados. Por fim, a Maria Aldenir, do Ministério da Agricultura, que falou sobre segurança, qualidade e normas para a castanha-do-brasil, tratada por legislação específica nos aspectos relacionados ao manejo, boas práticas, comercialização e exportação.

Os problemas e conclusões encontrados pelo grupo se referiram principalmente às dificuldades de acesso aos castanhais mais centrais, pela pouca infra-estrutura disponível. Assim como no caso da seringa, os castanhais mais distantes também têm que ter suas estradas limpas para facilitar o acesso. Isso foi colocado como uma das dificuldades e um dos problemas para a produção de castanha.

*Pouco investimento na infra-estrutura de transporte e armazenamento do produto.* Na Bolívia, a usina de beneficiamento considerada a maior exportadora de castanha do mundo entrega caminhões para os extrativistas e abate seu valor no decorrer das safras. Esses caminhões fazem o transporte para a usina de beneficiamento. No Amazonas, o meio de transporte utilizado para transportar a castanha são barcos.

Quanto ao armazenamento, a alternativa apontada foi a construção de galpões e paióis para armazenar essa castanha, dando condições de maior durabilidade ao produto, até ser processado e comercializado.

*A oscilação do preço do produto.* O mercado de castanha tem essa característica: o preço varia demais a cada mês. Isso depende da oferta, ou seja, da quantidade de castanha disponível no mercado.

*Falta de prática e manejo adequados na coleta e armazenamento que garanta efetivamente a qualidade do produto.* Apesar do esforço da Agência de Floresta na disseminação de boas práticas, em alguns municípios ainda existem extrativistas que não produzem de forma adequada.

Do ponto de vista financeiro, o extrativista que faz boas práticas ainda não sente diferença em relação ao que não a faz, mas a questão não é só o dinheiro no bolso. Por trás de tudo isso tem a segurança alimentar, a consciência de que se está produzindo um alimento e que alguém vai consumir aquele produto. Não é só o preço agregado, mas também a segurança que ele está dando ao consumidor de castanha.

*Baixo nível de organização social dos coletores.* Nem todos estão organizados em associações. Essa é uma das dificuldades encontradas em campo, quando se dissemina boa prática.

*Falta de pesquisa no desenvolvimento de tecnologia para o setor.* Este é um aspecto fundamental e um dos grandes gargalos da produção de castanha no estado. Os bolivianos têm muito controle sobre a produção e têm tecnologia, que buscam na Europa. No Brasil, não há tecnologia desenvolvida. Poucos estudos são realizados pelas instituições de pesquisas: INPA, Universidade Federal, EMBRAPA.

*Grilagem de terras em áreas de castanhais* na região sul de Lábrea, mas sabe-se que existem outras regiões com o mesmo problema. Em muito caso, o grileiro é o patrão, o dono de fato da terra, e o castanheiro acaba tendo que vender parte de sua produção para esse patrão.

E, por fim, *a falta de comunicação entre os extrativistas quanto ao mercado.* O extrativista, a associação comunitária ou associação de produtores estão distantes dos mercados, e muitas vezes não têm acesso às informações sobre valores, não ficam sabendo como está o mercado, e tudo isso é agravado pela oscilação do preço.

## **As propostas para solução desses problemas:**

*Primeiro, o levantamento do potencial existente nas áreas de produção.* Só sabemos que a produção de castanha é maior num ano, menor no outro, constituindo três anos de baixa produção e um de pico. Não sabemos exatamente o potencial, mas seu levantamento vai ajudar futuros planos de manejo. Para se coletar corretamente a castanha, é preciso saber o quanto tem-se que deixar para renovar os castanhais.

*Criação de linha de crédito para o financiamento de aquisição de animais de cargas* para os castanhais centrais e para meios de transporte adequados como barcos, mini-tratores e outros.

*Estabelecimento de uma política de preço mínimo.* Existem três usinas no Amazonas: AB Sabá, uma dos Benzecry, e uma lá em Boca do Acre, dos extrativistas, mas quem comanda o preço aqui no estado é a família Mutran, juntamente com AB Sabá e os Benzecry. Essa é a realidade: o preço é definido e controlado por eles. É necessário estabelecer uma política de preços que garanta um mínimo adequado para o produtor, quando o mercado não estiver pagando preço justo, apesar de ele estar produzindo com qualidade. É preciso discutir estratégias, quem deve liderar essa iniciativa, se o poder público ou o setor privado.

*Aprimoramento das práticas que garanta a qualidade do produto, de forma a diminuir o tempo entre a coleta e o processamento.* Algumas pesquisas na Bolívia constataram que o problema com a aflatoxina vem sim da floresta. Aqui no Brasil, também nós já descobrimos isso, a contaminação ocorre na floresta. A aflatoxina é um veneno, uma substância tóxica produzida por um fungo que está na castanha. O tempo levado entre a coleta e o processamento é importante nesse processo, e quanto maior ele for, maiores os riscos de contaminação.

*Implantação de usinas de processamento nas sedes municipais.* Como é necessário diminuir o tempo de transporte do produto que está na floresta e a usina, a estratégia é montar as usinas nas sedes municipais, já que nas comunidades não há energia elétrica. Nas sedes municipais seria mais

conveniente para os produtores do que em Manaus, e muito mais ainda do que fornecer para IBSABÁ e CIEX.

*Capacitação e implantação de infra-estrutura de escoamento da produção.* A capacitação foi colocada como uma das propostas pelos extrativistas para produzir um produto com qualidade, e implantação de infra-estrutura de escoamento.

*Fortalecimento das organizações voltadas para a comercialização e processamento de castanha.* Já existem organizações como a cooperativa de Boca do Acre, que beneficiam e comercializam a castanha. É importante fortalecer as cooperativas que já estão em operação.

*Demanda de pesquisas voltadas para o setor.* O grupo sugeriu a construção de uma máquina de quebrar o ouriço. Em pleno século 21, ainda se corre o risco de se perder dedos com terçado. O desafio é colocado para as instituições de pesquisa.

*Ação mais eficiente do poder público contra grilagem de terras.*

*Criação de uma rede de comunicação entre os extrativistas e compradores.*

*Definição do papel de cada ator envolvido no processo produtivo.* Qual é o papel do governo, o do extrativista e o do usineiro, dentro da cadeia produtiva da castanha.

## 15. Debate

### **Cláudio Maretti – WWF Brasil:**

A pergunta que eu faço diz respeito à sustentabilidade ou à produtividade a longo prazo. Acho que a preocupação de organizar a produção, melhorar a renda e melhorar a organização dos produtores é fundamental e a qualidade do produto é indispensável nesse processo, inclusive de melhoria de renda. Mas, não há nenhuma questão levantada com relação à manutenção da produção dos castanhais a longo prazo, e recentemente vários estudos científicos têm levantado a questão de que dentro de 50 anos pode haver um declínio dos castanhais, uma vez que a renovação das castanheiras está diminuindo.

Então, eu queria saber a opinião de vocês nesse sentido, e qual a alternativa para garantir a manutenção dessa produção e desse mercado.

### **João de Souza Ferreira – Boca do Acre**

Eu quero só falar para o Ademar. No relatório feito, eu não vi nada sobre o ICMS da castanha, que nós pagamos lá quando nós a despachamos. Nós pagamos 12% em cima do valor da nota e eu gostaria que isso ficasse arquivado.

### **Ronaldo Rocha – Coari**

O exportador nunca se preocupou em subsídio da nossa castanha. Hoje, tem que ser o estado.

Colocar o produto através de beneficiamento de produtor, extrator, direto ao consumidor e isentar a castanha para o extrator, o produtor ou usina e associações. Esse é um objetivo que tem que ser posto em prática logo, porque a safra de castanha já começa agora em dezembro e deixar para outro ano vai prolongando o prazo de resolver, de equacionar os problemas dos castanhais e dos extratores.

### **José de Castro – UFAM**

Se hoje a gente for em algumas lojas especializadas, compra castanha achocolatada, importada, ou seja, nós estamos vendendo castanha e depois ela volta e a gente compra por um preço super alto.

Então, eu colocaria como sugestão termos uma política de aproveitamento da castanha, uma política de industrialização, porque frente a outros produtos exportados, a exportação de castanha é uma mixaria, que ainda por cima depende do mercado internacional. Acho que não haveria necessidade de estarmos na dependência dos gringos para vender a castanha.

### **Ademar Cruz – SEAE**

Eu queria saber qual o tipo de intervenção que pode ser feita nessa área? Criando Unidade de Conservação de Uso Sustentável? Qual tipo? Porque a maioria das terras de castanhal está titulada e nas mãos de meia dúzia de pessoas

do estado e até de fora, de São Paulo, com terras enormes aqui no Purus, no Juruá, e nos outros rios. Então, eu acho que deveria se definir qual o tipo de intervenção do poder público em relação a essas áreas, para que a gente tenha um norte na criação de unidades de conservação.

### **Em resposta, o Aguimar Simões:**

Respondendo logo ao Ademar. Eu creio que, em princípio, as terras são tituladas. O processo de criação de unidade de conservação é muito mais complicado. Estamos vendo aí o pessoal do Capanã-Grande. Até hoje, apesar de a reserva ter sido criada, eles estão com maior problema de ameaças dos donos das terras, que dizem que não vão deixar eles trabalharem, enquanto não forem indenizados. Do meu ponto de vista, a criação de unidade de conservação seria a melhor estratégia, mas enfrentam-se muitos trâmites burocráticos que acabam emperrando o processo.

Eu acho que isso é um tema que a gente tem que discutir muito com os extrativistas, e aí aproveitar este momento para sair daqui com uma definição. No grupo não se discutiu que estratégia, mas eu coloco como encaminhamento, também, que a gente aproveite a Conferência para discutir essa questão.

Com relação à sustentabilidade dos castanhais, eu estou participando dos grupos de pesquisa do INPA, com o Dr. Rogério Gribel. A equipe dele e nós estamos preocupados com a manutenção dos castanhais. Sabemos que grande parte dos castanhais é antiga, e que a permanência de castanhas (sementes) na floresta, não garante a reprodução da planta, porque a semente precisa de luz, de clareiras que viabilizem sua germinação. Há uma pesquisa no município de Oriximiná, que está trabalhando essa questão. Estão formando um banco de germoplasma a partir das melhores castanhas de vários lugares da região amazônica. Estão montando um banco de sementes, para depois fazer cruzamento e ver se se consegue cultivar castanheiras potentes, como se chama. A minha maior preocupação é que a partir do momento que se estabeleça, por exemplo, um preço mínimo e qualidade do produto, a pressão

aumento sobre os castanhais. Em Manicoré, que foi onde tudo começou, uma pessoa que produzia 20 latas, agora produz 100, 200 latas. Estão indo mais longe no castanhal, porque o preço está compensando. Isso significa que mais sementes estão saindo da floresta, além de nutrientes do solo e uma série de coisas. Daí a proposta de fazer o levantamento do potencial existente, para, a partir dele, definirmos que estratégia de manejo usar para que os castanhais tenham essa sustentabilidade. O problema é que não existem estudos científicos que nos dê esse padrão. Existem até padrões de certificação, inclusive do FSC, mas eles são baseados em relatos de extrativista e no conhecimento das pessoas envolvidas no processo, e não em conhecimentos técnicos e científicos.

Sobre o que o Ronaldo falou, colocamos aqui o que imaginamos ser de curto e médio prazos. A longo prazo, tem muita coisa a ser resolvida, inclusive essa questão da manutenção de pesquisas.

O professor Castro foi muito feliz na sua colocação em relação à política de industrialização. Entendo que é muito importante o que ele colocou, e que isso não ocorre só com a castanha. Os óleos vegetais, por exemplo, saem daqui e são transformados em produtos lá e voltam para cá medicamentos, porque nós não desenvolvemos tecnologia para fazer isso tudo aqui no Brasil. Daí a importância maior desta Conferência, que inicia no Amazonas esse debate. Com relação à castanha, estamos dando o primeiro passo, que é o aporte de apoio às associações que são formadas de fato e de direito, para que elas possam ter oportunidade também de industrializar o produto, verticalizando sua produção.

## 16. Documentos e instâncias consultados

- (1) Simões, Aguiar Vasconcelos. “Impactos de tecnologias e do manejo da castanha-do-brasil (*Bertholettia excelsa*, HUMB & MONPL. 1808) no controle da contaminação por aflatoxina em sua cadeia produtiva”. Dissertação de mestrado. Manaus, 2004.
- (2) Drew, Nelson e Fujiwara, Luiz. “Projeto Castanha-do-Brasil”. Amapá, 2001.
- (3) IBGE-Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Produção Extrativa Vegetal (ano 1990 a 2002).
- (4) Secretaria Executiva Adjunta de Extrativismo/SDS. “Oficina sobre a cadeia produtiva de produtos extrativos (Manaus, 03 de agosto de 2004)”. Grupo da Castanha: Dr. Aguiar Simões Vasconcelos (Ag. Floresta/SDS), Dr. Rogério Gríbel (INPA), Dra. Arianne Mendonça Pacheco (NUTRICOM), Dr. Fábio Chicuta Franco (Agroextrativismo/SCA/MMA).
- (5) Governo do Estado do Amazonas - SDS/IPAAM e SEDUC. “Relatório Síntese da Pré-Conferência Estadual de Meio Ambiente”. Manaus, nov/2003.
- (6) Federação das Indústrias do Estado do Amazonas-FIEAM/ Assessoria das Coordenadorias Técnicas (Arquivo). Manaus.
- (7) Governo do Amazonas - SDS/SEAE. “Diagnóstico Preliminar para Subsidiar o Estabelecimento de Medidas Compensatórias do Gasoduto no Trecho Coari-Manaus”. Manaus, mar/ 2004.
- (8) Governo do Amazonas - SDS. “Pronunciamentos de abertura e Resultados dos Grupos de Trabalho sobre Cadeias Produtivas de Produtos Extrativos”. Volume I. Manaus, nov/2004.

Resultados da  
I Conferência Estadual das



# POPULAÇÕES TRADICIONAIS

do Amazonas



## Realização

### SDS/SEAE

Secretária de Estado de Meio Ambiente  
e Desenvolvimento Sustentável/  
Secretária Adjunta de Extrativismo

### Agência de Florestas

Agência de Florestas e Negócios  
Sustentáveis do Amazonas



## Apoio

## Patrocínio



Ministério do  
Meio Ambiente

